

42. Essa doença não é uma gripezinha não!

Sebastiana Vidal de Figueiredo

Essa doença quase me mata minha filha. Essa doença não é uma gripezinha não! Isso quase me enterra! Se não fosse o soro que eu peguei na veia, acho que eu nem existia mais! Eu já estava quase entregue, só queria ficar deitada, estava sem forças, não tinha nem um médico para nós! Olha, nós tava igual a um filho sem mãe, igual um pintinho sem a mãe.

Parece que todo mundo ficou com medo de nós, ninguém vem na minha casa, minha filha. Minha casa, que era acostumada de ter muita gente, não vem ninguém! A aldeia está triste, não vi ninguém na rua, todo mundo triste, todo mundo doente em casa. Ninguém pode visitar ninguém, como vamos sair para ajudar se tá todo mundo doente? Só Deus mesmo para nos ajudar, porque os médicos iam deixar a gente morrer, aí eles vinham arrastar o nosso cadáver daqui da aldeia. A gente tava muito mal, muito mal mesmo. Minha filha, eu não podia nem levantar a minha perna *pra* andar, ela tremia igual vara na correnteza.

Os médicos minha filha, eles chegaram só agora, muito tarde! Agora não quero mais remédio, já estou me recuperando. Se tivesse alguém antes, que conhecia essa doença, alguém *pra* nós olhar, o Bira, o teu tio, não tinha ido bem mal *pro* hospital. Fiquei sabendo também, minha filha, que *tão* comentando na aldeia que no jornal tá passando que vai ter a segunda leva (segunda onda) da doença, que vai vir mais forte do que essa daí que eu peguei... Minha filha, se eu pegar de novo a doença vai me levar, porque não vou mais aguentar de novo! A primeira quase me derruba, imagina essa daí que vem mais forte! Só Deus mesmo minha filha. Minha filha tô te lembrando, tô falando de novo, se não fosse o soro que aquele enfermeiro me deu na veia, eu tinha ido igual ao teu tio *pro* hospital, sabe lá se eu ia resistir essa doença...

Minha filha, eu não tenho nada a ver com essa doença, ela é do outro lado do mundo, sabe lá o que eles *tão* mexendo, trazendo doença *pra* gente. A gente tava vivendo tão bem na aldeia, comendo nossa farinha, nosso peixinho... e agora essa doença veio me achar dentro da minha casa! Eu, que nem saía *pro* Oiapoque com medo de pegar essa doença que os brancos *tão* achando *pra* lá. A gente tá bem, e aí a doença chega e te joga no chão, tu treme igual um gato que tá com doença.

Aldeia Kunanã, Oiapoque, Amapá, Brasil

30 de junho de 2020

Registros realizados por Elen Vidal de Figueiredo em conversa com sua mãe,
Sebastiana Vidal de Figueiredo